

Uma Igreja Ministerial



O incentivo aos ministérios dos leigos e leigas teve significativos avanços após o Concílio Vaticano II. O Documento 62 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) afirma que o ministério é um carisma, onde torna seu portador apto a desempenhar determinadas atividades, serviços e ministérios em ordem à salvação.

Páginas 6 e 7

GABRIELA SANTOS

A força da Mulher

Em sintonia com o Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, o Jornal Pastoral conversou com a teóloga Maria Clara Binger sobre a realidade da mulher na Igreja e na sociedade.

Página 3

Produtora de bananas

A principal fonte de renda de Santa Bárbara do Tugúrio é a plantação de bananas. Há 36 anos, a cidade realiza a Festa das Bananas, para comemorar a principal época de produção.

Página 12



REPRODUÇÃO

A Arquidiocese de Mariana lança as Diretrizes e Orientações (texto em construção) para serem refletidas, estudadas e complementadas pelas lideranças e bases eclesiais presentes na caminhada diocesana. A reunião do CAP (Conselho Arquidiocesano de Pastoral), no dia 16/02 corrente, definiu as estratégias do envolvimento dos leigos, presbíteros e agentes de pastoral para que o documento auxilie a compreensão e missão dos batizados. É um caminho participativo, como tem acontecido na história dos planos pastorais e decisões pertinentes à visão e trabalho da Igreja.

Dom Geraldo, na mesma reunião dos representantes pastorais, salientou o processo educativo, como aconteceu com o Diaconato Permanente e como tem sido proveitoso o envolvimento das comunidades, conselhos e grupos diversos da arquidiocese. “A comunidade eclesial precisa dar o seu assentimento e participação ativa”, no dizer do arcebispo, para a ação evangelizadora da Igreja; do contrário, “não teremos o sinal vivo da Igreja” através de seus membros. Esse é de caráter pedagógico e não se pode perder a oportunidade de opinar e fortalecer a caminhada da fé e compromisso com o Reino do Cristo Jesus. Lembra Dom Geraldo que é “preciso superar a mentalidade clericalista, entender o que era antes tido como função dos padres”, por isso “todo o presbítero precisa se envolver”. A palavra clara e concreta de Dom Geraldo dá o norte da orientação e do rumo que se devem tomar na elaboração das diretrizes para os ministérios leigos.

Já passou o tempo em que o leigo era visto como “quebra galho” ou substituto do padre em sua ausência. O Ano do Laicato conclama a posicionar-se com o tema “Cristãos Leigos e Leigas, sujeitos na Igreja em saída a serviço do Reino de Deus” e o lema “Sal da terra e luz do mundo”. É preciso ultrapassar as visões equivocadas do papel do leigo na Igreja. A ignorância está na deturpação da consciência e das múltiplas atividades que são desempenhadas pelos cristãos leigos e leigas. O arcebispo enfatizou que os leigos têm uma abrangência de ação cada vez mais destacada e podem “ir aonde os ministros ordenados não podem ir”.

O discernimento sobre o que é ministério, serviço, atividade eclesial, função e missão dos leigos será amplamente fundamentado na experiência da Igreja, desde suas origens, e se estende sobre as bases comunitárias e pastorais. Há, hoje, ministérios “reconhecidos”, sem formalidade canônica; ministérios “confiados” com gestos litúrgicos, a exemplo dos ministros da Sagrada Comunhão, da Palavra ou do Batismo; e ministérios “instituídos” pela Igreja, como os ministérios do Leitor e Acólito. São chamados de “ministérios não ordenados” para diferir dos “ministérios ordenados” pelo sacramento da Ordem. Importante é avançar na compreensão, formação e presença maior dos leigos e leigas na condução das comunidades eclesiais, como tem sempre pedido o papa Francisco que exorta à Igreja que seja pobre no meio dos pobres.

Leigos e ministros batizados não são suplentes dos padres. As diretrizes dessa ação evangelizadora haverão de abrir horizontes para que a Igreja e a sociedade sejam mais assistidas e promovidas por pessoas que deem testemunho de vida cristã no âmbito familiar, eclesial e social. O desejo de servir está inerente no coração da Igreja por aqueles que abrem espaço de vida e participação na construção de um mundo mais livre de preconceitos e fechado à vida nova que conta, cada vez mais, com o diálogo e comunhão de ideias e ações.



Ano do Laicato VI

Dom Geraldo Lyrio Rocha
Arcebispo de Mariana

Os cristãos leigos e leigas exercem sua missão movidos pela fé, esperança e caridade, “virtudes que o Espírito Santo derrama no coração de todos os membros da Igreja. Mas, o preceito do amor, que é o maior mandamento do Senhor, estimula todos os fiéis a que procurem a glória de Deus, pela vinda do seu reino, e a vida eterna para todos os seres humanos” (AA 3).

Ensina ainda o Concílio Vaticano II que o Espírito Santo, que opera a santificação do Povo de Deus por meio do ministério e dos sacramentos, concede dons particulares aos fiéis leigos e leigas, para exercerem sua missão, (cfr. 1 Cor. 12, 7), «distribuindo-os a cada um conforme lhe apraz» (1 Cor. 12, 11), a fim de que «cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu» e todos atuem, «como bons administradores da multifforme graça de Deus» (1 Pd. 4, 10), para a edificação, no amor, de todo o corpo (cfr. Ef 4, 1). A recepção desses dons do Espírito Santo confere a cada um dos leigos o direito e o dever de atuá-los na Igreja e no mundo (cf AA 3).

Jesus Cristo é a fonte e a origem de todo o apostolado da Igreja. “Sendo assim, é evidente que a fecundidade do apostolado dos leigos e leigas depende da sua união vital com Cristo, segundo as palavras do Senhor: “aquele que permanece em mim e eu nele, esse produz muito fruto; pois, sem mim, nada podeis fazer” (Jo. 15, 5). Esta vida de íntima união com Cristo na Igreja é alimentada pelos auxílios espirituais comuns a todos os fiéis e, de modo especial, pela participação ativa na sagrada Liturgia” (AA 4).

Os cristãos leigos são chamados a

avançar no caminho da santidade e não separem da própria vida a união com Cristo, mas busquem sempre ligar fé e vida. Esta vida exige o exercício constante da fé, da esperança e da caridade. “Só com a luz da fé e a meditação da palavra de Deus pode alguém reconhecer sempre e em toda a parte a presença e a ação de Deus. Em tudo, observem o que diz o Apóstolo Paulo: “Impelidos pela caridade que vem de Deus, pratiquem o bem com relação a todos, sobretudo para com os irmãos na fé (cfr. Gl. 6, 10), despojando-se «de toda a malícia e engano, hipocrisias, invejas e toda a espécie de maledicências» (1 Pd. 2, 1). Agindo assim todos serão atraídos a Cristo Jesus.

O amor de Deus que «foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado» (Rm. 5, 5), torna os leigos capazes de exprimir em verdade, na própria vida, o espírito das Bem-aventuranças. Seguindo a Cristo pobre, não se deixem abater com a falta dos bens temporais nem se exaltem com a sua abundância; imitando a Cristo humilde, não sejam cobiçosos da glória vã (cfr. Gl. 5, 26), mas procurem mais agradar a Deus que aos homens, sempre dispostos a deixar tudo por Cristo (cfr. Lc. 14, 26) e a sofrer perseguição pela justiça (cfr. Mt. 5, 10), lembrados da palavra do Senhor: «se alguém quiser seguir-me, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt. 16, 24). Finalmente, fomentando entre si a amizade cristã, preste mutuamente ajuda em todas as necessidades.

Esta espiritualidade dos leigos deverá assumir características especiais, conforme seu estado de vida. O modelo perfeito desta vida espiritual e apostólica é a bem-aventurada Virgem Maria” (cf. AA 4).

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas, Agência: 1701 - Conta: 583-3 Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: **R\$ 25,00** anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG.
Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.
Tel.: (31) 3557 3167
Email: jornalpastoral@yahoo.com.br
Diretor: Pe. Alex Martins de Freitas
Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP
Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Carlos Heitor Fideles.
Dacom: Jornalista - Bruna Sudário
Diagramação: Gabriela Santos/Dacom
Colaboração: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amanda, 131 - São José; CEP 35420-000 - Mariana - MG.
Tiragem: 3.000 exemplares.

Mulher: força viva na Igreja e na sociedade

No mês da mulher, o Jornal Pastoral traz uma entrevista com a teóloga Maria Clara Bingemer para falar da realidade da mulher na Igreja e na sociedade.



REPRODUÇÃO

JORNAL PASTORAL: Qual o papel da mulher na Igreja, na família e na sociedade?

MARIA CLARA BINGEMER: Sem dúvida é um papel importantíssimo. Primeiro ela encarna a diferença com o homem e é, portanto, metade da humanidade. Deus criou o ser humano homem e mulher e a mulher tem tanta importância quanto o homem. Mas além disso tem como constitutiva de sua identidade a maternidade, ou seja, a capacidade de gerar outros seres humanos. Sem a mulher não haveria a sociedade, não haveria a humanidade.

JORNAL PASTORAL: O ano do laicato é uma oportunidade para as mulheres desenvolverem o seu protagonismo na Igreja?

MARIA CLARA BINGEMER: Sim, porque a mulher é sempre e necessariamente leiga, já que não tem acesso aos ministérios ordenados. Mesmo sendo religiosa, não pode ser ordenada. Apesar disso, dentro do conjunto do laicato, a presença majoritária e mais ativa é de mulheres. A Igreja não seria o que é sem as mulheres. Elas são a força viva mais atuante dentro da Igreja, seja na reflexão teológica, na coordenação de comunidades, na liturgia, enfim em todos os setores e em todas as dimensões da vida eclesial.

JORNAL PASTORAL: Qual a situação da mulher brasileira nos dias de hoje?

MARIA CLARA BINGEMER: A mulher brasileira sofre da mesma discriminação da qual sofrem as

mulheres no mundo inteiro. Consideradas por longo tempo inferiores aos homens e adstritas à esfera privada e não pública, a mulher brasileira compartilha da situação de seu povo: pobreza, injustiça, desemprego, discriminação. Mesmo com os avanços que trouxe o movimento feminista, a mulher continua muitas vezes a ser inferiorizada, recebendo salários inferiores aos dos

“

As mulheres são o sustentáculo da família, respondendo pela vida e criação dos filhos, muitas vezes sozinhas.

homens. E isso no Brasil é muito patente. As mulheres são o sustentáculo da família, respondendo pela vida e criação dos filhos, muitas vezes sozinhas. Mas isso não é reconhecido nem no nível da família nem no nível do mercado de trabalho, infelizmente. Isto sem falar na violência contra a mulher, que chega a níveis exponenciais em nosso país. É uma verdadeira chaga em nosso tecido social.

JORNAL PASTORAL: A Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema a superação da violência. Quais as violências sofridas atualmente pela mulher? Como a Igreja pode debater e buscar caminhos para superá-las?

MARIA CLARA BINGEMER: Além da violência da discriminação por ser mulher, temos ainda muito presente e com números e cifras alarmantes a violência física contra a mulher. Apesar dos avanços que representaram as delegacias da mulher, onde se pode denunciar as agressões sofridas pelas mulheres e as leis como a lei Maria da Penha que protegem as mulheres, muitas ainda se calam, por medo da reação dos agressores. O Brasil é um país onde as estatísticas da violência são muito altas. A Igreja, de acordo com o tema da CF deste ano, deveria ficar muito atenta e envidar esforços concretos de conscientização do problema. Além disso, creio que seria importante a Igreja dar o exemplo de tratamento igualitário com relação à mulher dentro de suas próprias fileiras, não permitindo que o machismo imperasse nas comunidades, como até agora, com raras exceções, tem acontecido.

JORNAL PASTORAL: Existe um jeito feminino de interpretar a fé? Pode-se falar de teologia feminina?

MARIA CLARA BINGEMER: Existe uma escola importantíssima de teologia que se destacou no mundo inteiro que é a teologia feminista. Ela cresceu, sobretudo, nos países do Hemisfério Norte. No Brasil, há várias teólogas mulheres. Algumas delas seguem a linha do feminismo no seu fazer teológico. Outras seguem, em alguma medida, mantendo uma margem de diferenciação na elaboração de sua teologia com relação ao feminismo. No entanto, é fato que hoje não se pode mais falar em teologia

sem levar em conta a contribuição das mulheres. Embora a teologia seja uma ciência que necessita de rigor, e deve seguir parâmetros metodológicos como as outras, é verdade que o fato de ser mulher tem impacto na maneira e na elaboração pela qual a teologia é feita. Fazer teologia sendo mulher, sem dúvida, é diferente do que fazê-lo sendo homem.

JORNAL PASTORAL: Para o Papa Francisco, a relação com a mulher não está configurada em termos de suspeita, dominação ou poder. O que Francisco apresenta de novo nesta relação da mulher na Igreja?

MARIA CLARA BINGEMER: Alguns católicos, sobretudo mulheres, se decepcionam pelo fato do Papa Francisco não haver tomado posições mais claras em direção a uma maior libertação da mulher. No entanto, não se pode negar que ele tem, sim, feito alguns gestos e dado algumas declarações que mostram seu apreço pela mulher. Nomeou algumas mulheres para cargos importantes dentro do Vaticano e em sua assessoria direta. Por onde vai, exalta a importância da mulher e de sua contribuição para a Igreja. Entendo que ele já abriu muitas frentes geradoras de conflito e não deseja abrir mais uma. Por isso, vai introduzindo mudanças não estrondosas mas significativas. Em todo caso, é patente como as mulheres foram importantes na sua vida desde que era um jovem sacerdote na Argentina até agora como papa. Creio que o saldo que seu pontificado deixa para a causa da mulher é positivo.

CAP aprova cartilha da Dimensão Sociopolítica

O Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) aprovou a Cartilha “Dimensão Social da Evangelização na Arquidiocese de Mariana”, da Dimensão Sociopolítica, no dia 16 de fevereiro, na reunião realizada no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana. Os 40 participantes puderam sugerir alterações no documento.

O texto que compõe a cartilha traz a compreensão da Dimensão Sociopolítica e sua atuação na Arquidiocese de Mariana, lembrando dos grupos pastorais que a compõem, dos organismos que estão em comunhão e dos movimentos populares e sociais que estão em diálogo com ela. “Essa cartilha há de nos mobilizar ainda mais para ligar fé e vida no compromisso da construção da sociedade justa e solidária, na defesa da dignidade do ser humano, na defesa da vida, na promoção do bem comum a partir dos pequenos e dos mais necessitados”, esclarece o coordenador da dimensão sociopolítica, padre Marcelo Santiago.

Segundo o arcebispo de Mariana,



GABRIELA SANTOS

Dom Geraldo Lyrio Rocha, a criação da cartilha veio da necessidade de chamar a atenção para a principal missão da Igreja. “A Igreja tem que ser servidora do mundo, principalmente dos pobres. A cartilha é para complementar e visualizar esse outro lado, que não pode ficar esquecido nem subentendido, tem que ser explicitado”, afirma.

O lançamento está previsto para a 28ª Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras, que acontecerá em Congonhas, no dia 1º de maio. “A cartilha chega em um momento im-

portante para a Arquidiocese, que neste ano contempla o nosso compromisso de ser igreja em saída que vai, sobretudo, as periferias empobrecidas”, esclarece padre Marcelo.

Reunião do CAP

Outros assuntos como os 30 anos da Pastoral da Juventude na Arquidiocese, a realização da Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras e da Romaria das Águas e da Terra também fizeram parte da pauta. Segundo o Cordenador Arquidiocesano de Pastoral, padre Geraldo Martins,

os encaminhamentos da reunião, especialmente os relacionados às decisões da 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, apontaram para um efetivo comprometimento com o Projeto Arquidiocesano de Evangelização. “Somos tomados de esperança no fortalecimento do protagonismo dos cristãos leigos e leigas que têm, no ano a eles dedicado, o reconhecimento de nossa Arquidiocese do quanto são imprescindíveis na evangelização de nossas comunidades”, declara.

"Devemos ser Igreja pobre para os pobres," destaca Cônego Lauro

O trabalho de evangelização da arquidiocese de Mariana tem como foco neste ano a periferia da pobreza. Essa temática foi eleita na 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, em novembro de 2017. A proposta é uma forma de concretizar o Projeto Arquidiocesano de Pastoral (PAE)

Segundo o artigo do vigário episcopal da Região Leste, cônego Lauro Versiani, publicado no site da arquidiocese, a opção preferencial pelos pobres não é circunstancial, mas tem raiz cristológica, como enfatizou o Papa Bento XVI na abertura da Conferência Episcopal de Aparecida.

Citando o Papa Francisco, o cônego lembra que devemos ser “Igreja pobre para os pobres”, mas que é preciso fazer uma distinção ao falar de pobreza na Igreja, como já fez o Documento de Medellín. “Há a pobreza carência que ofende a dignidade do ser humano, chegando até a níveis extremos de miséria. Deve ser combatida e superada. Há a pobreza espiritual que é um valor fundamental para todos cristãos e que deve ser buscada e cultivada. Há a pobreza compromisso, pobreza assumida em solidariedade com os necessitados e como testemunho profético de se-

guimento de Jesus Cristo e a pobreza material. Todos os cristãos devem buscar uma vida simples, austera, livre do consumismo e solidária com os pobres, capaz de partilha de bens”, explica.

Diante dessas considerações, cônego Lauro ressalta que eleger a periferia pobreza é ocasião de conversão pessoal e comunitária para as nossas Regiões Pastorais e Arquidiocese. “A maioria dos que frequentam as nossas comunidades paroquiais leva uma vida modesta e pobre. Há pobres excluídos, afastados, esquecidos e abandonados”, relata o presbítero.

Segundo ele, assim como as outras Regiões Pastorais da arquidiocese, a Região Leste em sua 15ª Assembleia de Pastoral apontou para a prioridade da iniciação à vida cristã. “No primeiro encontro de padres, diáconos e leigos coordenadores paroquiais de pastoral da Região Pastoral Mariana Leste de 2018 refletimos exatamente sobre a opção preferencial pelos pobres à luz da Palavra de Deus, da caminhada da Igreja na América Latina e no Caribe e segundo o Magistério do Papa Francisco”, escreve.

Confira o artigo na íntegra no site da arquidiocese.

Protagonistas e sujeitos

O Ano Nacional do Laicato, aberto na festa de Cristo Rei, em novembro do ano passado, convidamos a aprofundar nossa reflexão sobre a vocação dos cristãos leigos e leigas, na Igreja e no mundo. Nascida no batismo, esta vocação os torna protagonistas da “Nova Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura Cristã”, como afirmaram os bispos da América Latina e Caribe, na Conferência de Santo Domingo (1992). Nesta Conferência, os bispos manifestaram o desejo de que a linha prioritária da pastoral da Igreja na América Latina e Caribe fosse “a de uma Igreja na qual os fiéis cristãos leigos sejam protagonistas” (SD, 98).

Para viver esse protagonismo, os cristãos leigos e leigas precisam se livrar do clericalismo e da tentação do intracelular, penetrando, sempre mais, os ambientes socioculturais, inspirando-se no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja para serem agentes de transformação da sociedade (SD, 98). Isso faz lembrar o que diz o Vaticano II: “os leigos são

chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles lugares e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser sal da terra. Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja ‘segundo a medida concedida por Cristo’” (LG, 33)

A CNBB, no Documento 105, assume o protagonismo dos leigos e leigas ao afirmar que eles são “sujeitos eclesiais”, em consonância com a Conferência de Aparecida (2007). Só assim poderão ser “sal da terra e luz do mundo”, como ensina Jesus (cf. Mt 5,13-16). O cristão leigo é verdadeiro sujeito “quando cresce na consciência de sua dignidade de batizado, quando descobre que sua liberdade, autonomia e relacionalidade não são apenas características de cada ser humano maduro, mas quando experimenta essas características como dom do Cristo crucificado e ressuscitado” (Doc. 105 – CNBB).

Na Arquidiocese de Mariana, assistimos com alegria ao crescimento da participação dos cristãos leigos e lei-

gas na vida de nossas comunidades eclesiais. Eles estão presentes nas equipes pastorais, nos movimentos, nas associações e nos serviços de evangelização, animando e coordenando as comunidades. Embora em número menor do que gostaríamos, nós os vemos também no engajamento pela transformação social, esforçando-se para atuar no “vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos mass media”, como nos lembra Paulo VI.

Esperamos que o Ano do Laicato seja ocasião de nossa Arquidiocese reafirmar seu compromisso com o protagonismo dos leigos, escancarando-lhes as portas a fim de que, de forma madura e consciente, assumam sua missão de tornar nossas paróquias e comunidades uma Igreja discípula, missionária, profética, misericordiosa, servidora e ministerial.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

GIRO RÁPIDO

Campanha da Fraternidade

Com o tema “Fraternidade e superação da violência” e lema “Vós sois todos irmãos”, a 55ª edição da Campanha da Fraternidade (CF) foi aberta no dia 14 de fevereiro, quarta-feira de cinzas. Na celebração, realizada na Praça da Sé, em Mariana, o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, pediu a ajuda de Deus para que os cristãos possam viver a fraternidade e, assim, superar todas as formas de violência. Na manhã do dia 14, em Brasília, o presidente da CNBB, cardeal Sérgio da Rocha, realizou a abertura nacional da CF, com a leitura da mensagem do Papa Francisco aos brasileiros.

Pascom Nacional

Estão abertas as inscrições para o 6º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação (Pascom), que acontecerá em Aparecida (SP) de 19 a 22 de julho. Com o tema “Comunicação e Igreja”, o evento terá quatro conferências, dois painéis e cinco seminários que visam promover integração e partilha de experiências entre personalidades e estudiosos do setor de comunicação, bispos, sacerdotes, religiosos e os leigos agentes da Pascom de todo o Brasil. As inscrições podem ser feitas no site www.encontronacionaldapascom.com.br

Tenda Vocacional

Com o objetivo de apresentar aos visitantes, sobretudo aos jovens, as diversas formas de chamado do Mestre, as Tendências Vocacionais foram um destaque nos retiros de carnaval Seara, em Viçosa, e no Rebanhão, em Barbacena. Além de inúmeros visitantes, esteve na Tenda Vocacional de Viçosa, o Arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, que, irradiando alegria, fez questão de visitar cada congregação presente, dando-lhes uma palavra de incentivo.

A Tenda Vocacional é organizada pelo Serviço de Animação Vocacional (SAV) das regiões, com apoio da Renovação Carismática Católica RCC e das demais congregações participantes.

Pastoral da Sobriedade

Mais de 20 representantes da coordenação arquidiocesana da Pastoral da Sobriedade estiveram reunidos no dia 3 de fevereiro, no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana, para planejar as ações para o ano de 2018. Partilhas sobre os trabalhos dos grupos de autoajuda também fizeram parte da conversa.

A novidade na agenda deste ano são os retiros espirituais destinados aos próprios agentes e aos dependentes químicos perseverantes nos grupos. Baseado nos 12 passos da Pastoral da Sobriedade, os retiros acontecerão simultaneamente nos dias 21 e 22 de abril, nas cidades de Piranga e Barbacena.

Além do retiro, fazem parte da agenda da pastoral a reunião da coordenação regional com os coordenadores e assessores da Pastoral, na segunda quinzena de março, e o encontro com as comunidades terapêuticas, conselhos municipais anti-drogas, alcoólicos anônimos e narcóticos anônimos, no dia 18 de agosto.

Pastoral Carcerária

Representantes da Pastoral Carcerária das regiões norte, sul, oeste e leste se reuniram no dia 3 de fevereiro, no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana, para discutir a situação atual da pastoral e planejar a Assembleia Arquidiocesana.

Segundo o assessor da Pastoral Carcerária, padre Geraldo Barbosa, a reunião lembrou o que vem sendo trabalhado e quais são os desafios para a articulação da pastoral em algumas regiões. Nesse ano de 2018, a Pastoral Carcerária pretende investir na formação dos agentes e conquistar maior compromisso dos coordenadores regionais e agentes. Uma assembleia arquidiocesana também será realizada no mês de junho.

Arquidiocese ganha sete novos diáconos



BRUNA RUIBARI

Sete homens escolhidos para o serviço do altar e da caridade foram ordenados diáconos na basílica de São José, em Barbacena, Região Pastoral Mariana Sul, no dia 24 fevereiro. A celebração foi presidida pelo arcebispo, Dom Geraldo Lyrio Rocha, e celebrada pelo bispo de Leopoldina, Dom José Eudes, e o bispo auxiliar de Belo Horizonte, Dom Geovane Luís da Silva. O momento, marcado por demonstrações de fé, também contou com a participação de centena de padres, seminaristas, religiosos, familiares, amigos e muitos fiéis.

Daniel Fernandes Morei-

ra, Daniel Júnior dos Santos, Fabiano Alves de Assis, Fabiano Milione Honório, Harley Carlos de Carvalho Lima, Jackson de Sousa Braga e Rosemar Marcos Condé são os novos diáconos da Igreja particular de Mariana.

Durante a homilia, dom Geraldo explicou o sentido de ser diácono. “Diácono quer dizer servidor. Meus caros, que a dimensão do serviço nunca se apague na vida de vocês. O ministério ordenado não é para nos colocar em um degrau superior, nem é um título. É serviço. E só assim é que a gente se realiza, plenamente, na vocação”, disse. O arcebispo também ressaltou que, forta-

lecidos pelo Espírito Santo, os novos diáconos devem “atuar no serviço da palavra, no serviço do altar e no serviço da caridade”.

Ao final da celebração, o recém ordenado, diácono Daniel Júnior dos Santos, agradeceu, em nome dos companheiros de caminhada, o apoio da arquidiocese, de seus familiares e amigos. “Nós sete estamos conscientes de que nossa ordenação não é ponto de chegada, mas de partida. Trata-se de um longo caminho, dentro da vocação que começamos no batismo e se destaca de modo especial, neste ano nacional do laicato”, afirmou.

Nomeações e transferências

Depois de ouvir o Conselho Episcopal, o Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha nomeou Pe. Geraldo Luzia do Carmo, Vigário Paroquial da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Conselho Lafaiete; Pe. Oscar de Oliveira Germano, Pároco da Paróquia de São José Operário, em Ouro Branco e Pe. Márcio Vieira Viana, Colaborador da mesma Paróquia; Pe. José Julião da Silva, Pároco da Paróquia de Sant’Ana, em Carandaí; Pe. Werques Rodrigues Ribeiro, Pároco da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, em Senhora dos Remédios; Pe. Joselito Adriano Moreira, Pároco da Paróquia de Porto Firme; Pe. João Paulo da Silva, Pároco da Paróquia de São Miguel Arcanjo, em Araponga e aprovou a indicação do Pe. Alex Martins de Freitas para a função de Diretor do Jornal Pastoral.

Depois de ouvir o Conselho Episcopal, o Senhor Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha fez as seguintes nomeações: Diác. Daniel Fernandes Moreira: Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral), em Mariana; Diác. Daniel Júnior dos Santos: Paróquia de São João Batista, em Viçosa; Diác. Fabiano Alves de Assis: Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Piranga; Diác. Fabiano Milione Onório: Paróquia de Sant’Ana, em Guaraçaba; Diác. Harley Carlos de Carvalho Lima: Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, em Cachoeira do Campo; Diác. Jackson de Souza Braga, Paróquia de Nossa Senhora das Brotas, em Entre Rios de Minas e Diác; Rosemar Marcos Condé, Paróquia de São Sebastião, em Raul Soares.

Ministérios:

serviço e protagonismo dos cristãos leigos e leigas

Depois do Concílio Vaticano II, a Igreja apresentou inúmeros sinais de ser mais ministerial, de portas abertas para a atuação dos leigos e leigas. Nos últimos anos, inúmeros documentos foram elaborados para ressaltar a necessidade e o papel dos leigos.

O Documento 62 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, afirma que “o ministério é, antes de tudo, um carisma, ou seja, um dom do Alto, do Pai, pelo Filho, no Espírito, que torna seu portador apto a desempenhar determinadas atividades, serviços e ministérios em ordem à salvação”.

Segundo o vigário episcopal da Região Mariana Leste, cónego Lauro Versiani Barbosa, todo carisma tem a dimensão de serviço, mas nem todo carisma é ministério. Citando o documento da CNBB, ele explica que “é considerado ministério o carisma que assume a forma de serviço bem determinado e que venha ao encontro das exigências permanentes da comunidade e da missão, com uma responsabilidade estável e reconhecido pela comunidade eclesial (cf. CNBB, Documento 62, n. 85)”, ressalta.

O ministério representa uma atuação pública e oficial da Igreja, tendo modalidades e graus diversos. Eles podem ser classificados como: “reconhecidos”, sem formalidade canônica; “confiados”, conferidos por algum gesto litúrgico ou forma canônica, como, por exemplo, ministros da Sagrada Comu-

nhão, da Palavra ou do Batismo; “instituídos”, conferidos pela Igreja através do rito litúrgico conhecido por “instituição”, na Igreja latina são os ministérios de Leitor e Acólito; ordenados, conferidos através do Sacramento da Ordem: diaconado, presbiterado, episcopado.

“Embora os ministérios instituídos tenham fornecido o modelo para a criação de outros ministérios, na prática eclesial têm-se optado por ministérios confiados e reconhecidos, não se excluindo a possibilidade de ministérios instituídos dentro de um projeto diocesano que valorize os ministérios leigos nas comunidades. Pode-se pensar, além do Ministério Extraordinário da Comunhão Eucarística e do Ministério Extraordinário da Palavra, no Ministério Extraordinário do Batismo e no Ministério Extraordinário para a Assistência aos Matrimônios”, disse cónego Lauro.

O presbítero ressalta, também, que os novos ministérios devem ser instituídos de acordo com as necessidades concretas das comunidades eclesiais. “Eles devem ser instituídos em comunhão com toda a Igreja Particular, com a devida preparação das comunidades e dos futuros ministros. Assim, realmente estarão a serviço da comunidade eclesial como carisma concedido pelo Espírito Santo para a edificação da Igreja”, explica.

O incentivo aos ministérios leigos também é destacado no Documento de Aparecida. “Os leigos também são chamados



GABRIELA SANTOS

a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado, segundo as necessidades locais sob a guia de seus pastores. Estes estarão dispostos a abrir para eles espaços de participação e confiar-lhes ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão” (DAP, n.211).

Para cónego Lauro a Igreja tem um campo aberto para a participação responsável e criativa dos cristãos leigos e leigas na missão da Igreja como reconhece o Documento 105 da CNBB. “Não é mais possível pensar uma Igreja que não incentive a participação e a corresponsabilidade dos cristãos leigos e leigas na missão. ‘O empenho para que haja a participação de todos nos destinos da comunidade supõe reconhecer a diversidade de carismas, serviços e ministérios dos leigos’. Estes devem ser reconhecidos e valorizados, não somente nas equipes de liturgia e de catequese, mas também no ministério teológico, nas coordenações, assembleias de planejamento, conselhos pastorais, e econômicos e outras instâncias de decisão, tendo em vista a missão comum em favor do Reino de Deus. Os planos pastorais diocesanos e paroquiais devem ser pensados, formulados e executados de modo inclusivo e criativo” (CNBB. Doc. 105, n.160).

“

Eles devem ser instituídos em comunhão com toda a Igreja Particular, com a devida preparação das comunidades e dos futuros ministros. Assim, realmente estarão a serviço da comunidade eclesial como carisma concedido pelo Espírito Santo para a edificação da Igreja

outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento” (EN 70). O campo próprio e prioritário da ação do leigo é o mundo e não apenas os ministérios voltados para a vida interna da Igreja”, lembra.

Ministérios na Arquidiocese de Mariana

Na arquidiocese de Mariana após o Concílio Vaticano II, incentivados por Dom Oscar de Oliveira, iniciou-se uma caminhada de organização e implantação dos Ministérios Extraordinários da Comunhão Eucarística. Desde então, o assunto sempre foi pauta de encontros, estudos e projetos.

Segundo cónego Lauro, atualmente, existe um texto em construção que foi entregue na última reunião do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) para ser lido, estudado, avaliado, aperfeiçoado e que poderá se constituir em Diretrizes e Orientações para os Ministérios dos cristãos leigos e leigas na Arquidiocese. “Em maio de 2018, essa consulta ao CAP deverá ser concluída e o texto será enviado para uma

ampla consulta às bases da Arquidiocese de Mariana, passando pelas diversas instâncias. Só depois de todo esse processo é que será lançado oficialmente. Ainda não há uma definição de data”, explica.

Para o arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha, o processo de elaboração deste texto precisa passar pelas comunidades. “Nós aprovaremos um texto para as discussões nas bases da nossa Igreja. Um assunto dessa natureza precisa passar pelos conselhos paróquias, foranias, os conselhos regionais. Precisamos adotar um método semelhante ao utilizado quando discutimos o Projeto Arquidiocesano de Evangelização e envolver a Igreja no seu conjunto. Sem isso nós não vamos conseguir dar passos seguros”, disse o arcebispo.

O Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016 – 2020) também aponta para o reconhecimento e valorização dos ministérios confiados aos leigos, os desafios atuais e o horizonte de esperança que pode ser vislumbrado (cf. PAE, n.47 e n.88), em comunhão com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015 – 2019 (CNBB, DGAE, 107).



PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA PIEDADE, DE BARBACENA

Em 2017 nossa Arquidiocese realizou a 25ª assembleia arquidiocesana de Pastoral. Em todas as 25 assembleias se tratou dos ministérios dos (as) leigos (as). Em algumas, de forma menos explícita, em outras com uma reflexão mais profunda.

A pedido do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP), em 2014 e 2015 foi redigido um projeto sobre os ministérios leigos para a Arquidiocese. O mesmo foi apresentado na assembleia de 2015, mas não foi votado.

Entendemos que um projeto, antes de ser votado, precisa ser estudado, debatido e, talvez, refeito. Pois, uma vez aprovado deve ser colocado em prática.

Fala-se muito, desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) que a Igreja é toda ministerial. Talvez por isso banalizou-se o termo ministério. Tudo virou ministério! É bom lembrar que, na Igreja, o ministério é um serviço oficializado pela mesma e conferido a algumas pessoas que provaram sua dedicação e comunhão com esta Igreja. Portanto, quem se autodenomina ministro em algum grupo de Igreja faz mal uso de um termo carregado de significado eclesial.

É urgente tornar nossa Igreja ministerial. Porém, temos carência de leigos e leigas dispostos e preparados para serem investidos desta sublime função. Por outro lado, a hierarquia é excessivamente lenta em decidir por confiar aos (as) leigos (as) os ministérios a eles e elas reservados (ministros não ordenados). É bom lembrar, mais uma vez, que as mudanças, também na Igreja, não se fazem de cima para baixo, mas a partir das bases. Quando começarmos ter leigos (as) atuantes de forma consciente e ativa nas comunidades, como sujeitos de transformação da realidade, certamente, os responsáveis maiores dessas comunidades (ministros ordenados) não exitarão em conferir a estas pessoas algum ministério.

Creemos ser bom elencar alguns ministérios dos quais sentimos mais urgência em nossas comunidades: Ministros da palavra, Ministros do batismo, Ministros da coordenação/animação de comunidades, entre outros.

Disse dom Geraldo Lyrio Rocha que “a missão dos leigos e leigas, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja” (Jornal Pastoral de fevereiro/2018, p. 2). Sendo assim, compete aos leigos (as) descobrir sua vocação como sujeito de evangelização e buscar, com alegria, humildade, ardor e confiança, avançar na vivência da fé, abraçando, oficialmente um Ministério.

Estamos no “Ano do Laicato”. Que bom seria se os (as) leigos (as) despertassem para esse passo que em várias Dioceses já é uma realidade! Que bom seria se nossos Padres e Bispos brindassem os (as) leigos (as) com a instituição de novos ministérios a serviço das comunidades! A Igreja e a sociedade teriam novas luzes e o sabor da vida eclesial e social seriam mais agradáveis.

Todavia, é bom lembrar que, antes mesmo de assumir um ministério na Igreja institucional é imprescindível que leigos e leigas assumam seu papel de cidadão (ã) na sociedade. Pois, como bem lembrou Paulo VI, o primeiro campo de ação evangelizadora dos (as) leigos (as) é no mundo da comunicação, da política, da cultura... Hoje, mais do que nunca, é urgente a atuação dos cristãos e das cristãs leigos (as) na sociedade como agentes transformadores, sendo “sal e luz do mundo” (Mt 5,13-14).

DIOCESE DE DIVINÓPOLIS



CNBB divulga nota de esclarecimento

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou uma nota apresentando de forma clara e transparente a destinação dos recursos arrecadados na Coleta Nacional da Solidariedade de 2017. A iniciativa é realizada anualmente sempre no período da quaresma, que no Brasil coincide com a Campanha da Fraternidade, como gesto concreto comunitário de ajuda e incentivo a projetos comprometidos com o desenvol-

vimento humano integral. São os recursos financeiros arrecadados nas paróquias e comunidades de todo Brasil, fruto da generosidade e do compromisso de milhares de cristãos com uma sociedade mais justa e uma vida mais digna para todas as pessoas, que formam o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS).

Na última semana publicações em sites e redes sociais emitiram uma série de acusações

sobre a destinação dos recursos e julgamentos quanto a finalidade das ações apoiadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil através do Fundo Nacional de Solidariedade.

Em resposta a essas acusações a CNBB divulgou uma nota para que as inverdades veiculadas não encontrem ressonância nos cristãos católicos que generosamente se unem nessa corrente solidária de doação – Coleta Nacional

da Solidariedade – que este ano acontecerá no próximo dia 25 de Março, Domingo de Ramos. Leia a nota na íntegra no site da arquidiocese www.arqmariana.com.br ou no QR Code abaixo.



"A JMJ é para os corajosos", diz Papa Francisco

"Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus (Lc 1, 30)." Este é o tema da mensagem do Papa Francisco, divulgada no dia 22 de fevereiro, em preparação à XXXIII Jornada Mundial da Juventude, celebrada no Domingo de Ramos, que esse ano será no dia 25 de março.

Essa é a segunda mensagem do papa destinada aos jovens durante o caminho de preparação da JMJ do Paraná, que acontecerá em janeiro de 2019.

No texto, Francisco afirma que a JMJ é para os corajosos, "não para jovens que procuram apenas a comodidade, recuando à vista das dificuldades. Aceitam o desafio?", escreveu.



REPRODUÇÃO

Como em outras edições, o papa utiliza a linguagem juvenil, falando de "likes", "photoshop" e "smartphone".

"Não deixem, queridos jovens, que os fulgores da juventude se

apaguem na escuridão duma sala fechada, onde a única janela para olhar o mundo seja a do computador e do smartphone. Abri de par em par as portas de sua vida! Que seus espaços e tempos sejam

habitados por pessoas concretas, relações profundas, que deem a possibilidade de compartilhar experiências autênticas e reais em seu dia-a-dia", aconselhou.

A mensagem divulgada no ano passado era centralizada nas palavras do Magnificat, enquanto no próximo ano a atenção será à resposta de Maria ao anjo.

Segundo o responsável pelo Setor Juventude do Dicasterio dos Leigos, Família e Vida, Pe. João Chagas, esta "trilogia mariana" é expressão do desejo de Francisco de oferecer aos jovens de todo o mundo uma visão teológica da própria existência, fazendo memória do passado, tendo coragem no presente e esperança no futuro.

CNBB conhece realidade de migrantes venezuelanos

Entre os dias 1º a 4 de março, uma comitiva, composta por 19 pessoas, coordenada pela Comissão Episcopal Pastoral Especial para o Enfrentamento ao Tráfico Humano da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) visitou o estado de Roraima, especialmente Boa Vista e Pacaraima, para conhecer de perto a realidade dos migrantes venezuelanos que em função da crise política e econômica pela qual passa seu país buscam apoio em território brasileiro.

A ação recebeu o nome de "Missão Fronteiras da Venezuela" e teve o objetivo de conhecer a situação que envolve a migração atual na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, em especial para verificar a ocorrência do tráfico humano e elaborar um documento de análise e proposição do que a Igreja pode oferecer, em termos de incidência, assistência e denúncia.

A missão foi coordenada pelo bispo de Balsas (MA), dom Enemésio Lazzari,



AFP or licensors

presidente da Comissão para o Enfrentamento ao Tráfico Humano com o apoio do bispo de Boa Vista (RR), dom Mário Antônio da Silva e de organismos e pastorais da Igreja local. Integram a co-

mitiva representantes de nove regionais da CNBB que atuam no enfrentamento ao tráfico humano.

Segundo dom Mário Antônio, só nos primeiros meses do ano, estima-

-se que chegaram ao Brasil cerca de 18 mil migrantes venezuelanos. Por dia, segundo o prelado, são cerca de 400 novas pessoas cruzando a fronteira entre os dois países. "Sabemos que é uma realidade delicada, uma situação emergente, humanitária e de muita necessidade de acolhida, como nos ensina o papa Francisco. É nossa obrigação estender a mão, acolher e fazer aquilo que o Evangelho nos aconselha, como o próprio Jesus nos pediu: 'Amar uns aos outros, como Ele nos amou'", disse.

Migração e direitos

O número de venezuelanos que solicitaram refúgio no Brasil vem crescendo vertiginosamente nos últimos anos. Os dados do Ministério da Justiça revelam que até março de 2017, 8.231 migrantes pediram refúgio no país. O número superou os dados dos seis anos anteriores.

O papel da Coordenação Pastoral



PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA, DE VIÇOSA

Dentro do processo de planejamento e ação pastoral, faz-se primordial o papel da Coordenação Pastoral. Este artigo não pretende esgotar a questão, mas oferecer pistas para uma reflexão sobre a função de cada coordenação e cada coordenador/a, tanto em nível paroquial, comunitário ou de grupo. Exercem esta função os membros dos Conselhos Paroquiais de Pastoral (CPPs), dos Conselhos Comunitários de Pastoral (CCPs).

Além destes, têm também um papel importante as coordenações das pastorais específicas e das dimensões da evangelização, como coordenação da dimensão catequética, da dimensão litúrgica, da Pastoral da Juventude etc.

A Coordenação de Pastoral é um ministério na Igreja, pois sua ação visa promover a unidade e a comunhão, organizando a ação evangelizadora e pastoral de forma articulada, sendo instrumento de participação.

"Coordenação vem da palavra co-ordenação, que significa: dispor certa ordem ou método, organizar o conjunto, por em ordem o desconjuntado. É uma co-operação, uma ação de co-responsabilidade entre os iguais. A coordenação promove a união de esforços, de objetivos comuns e de atividades comunitárias, evitando o paralelismo, o isolamento na ação evangelizadora. A coordenação tem por finalidade criar relações, facilitar a participação, desenvolver a sociabilidade, levar à cooperação, comprometer na co-responsabilidade, realizar a interação e tornar eficaz o conjunto da caminhada evangelizadora".¹

"Coordenar é uma arte. Coordenar animando é uma arte e um dom".ⁱⁱ A coordenação de pastoral é um serviço importantíssimo nas comunidades. "A boa coordenação, aberta a Deus e às pessoas, faz a comunidade prosperar e o Reino de Deus acontecer. É um serviço que deve proporcionar prazer e felicidade. A coordenação deve ser mais alegria que sofrimento, porque a palavra "evangelho", em si, é "boa notícia"; e um coordenador estressa-

do, desanimado ou acomodado, não consegue anunciá-lo bem à comunidade".ⁱⁱⁱ

Jesus, o coordenador modelo

Através dos Evangelhos, conhecemos o jeito de Jesus evangelizar. Chama a atenção a sua maneira de coordenar e animar o grupo de seus discípulos. Temos nele o modelo do coordenador/a, em sua ação pastoral e evangelizadora.

Nos momentos difíceis e de desânimo, Ele anima seus discípulos: "No mundo haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo" (Jo. 16,33). Às pessoas que sofrem, tem uma palavra de encorajamento: "Meu filho, coragem! Teus pecados te são perdoados" (Mt 9,2); "disse ele ao paralítico: toma a tua maca e volta para tua casa." (Mt. 9,6)"

"Jesus sempre animava seus discípulos. Tratava-os como amigos, chamava-os de seus irmãos, tinha-os como sua família. Jesus era (é) um grande animador. Ele encantava as multidões, atraía as crianças, dava seguranças aos marginalizados, animava as festas... Jesus é animado e animador. Ele não dava muitas ordens, a não ser nos envios para a missão. Ele ia junto, passava à frente, liderava".^{iv}

Duas passagens dos Evangelhos nos ajudam a analisar a atitude de Jesus coordenador:

1) O episódio do lava-pés (Jo. 13,1-16) mostra que Ele, como mestre e líder, se põe a serviço, lavando os pés de seus discípulos. Mostra a eles que coordenar é servir; e que o serviço deve ser a marca da comunidade, e não a dominação e a servidão. "Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós" (Jo. 13,14-15).

2) O episódio da tempestade acalmada (Mc. 4,35-41) mostra a atitude de Jesus diante do medo e da insegurança de seus discípulos. Jesus está

dormindo, enquanto as ondas batem contra o barco e apavoram os discípulos. Jesus os acalma para ensinar que se Ele está presente, ninguém perece: "Ele disse-lhes: Como sois medrosos! Ainda não tendes fé?" (Mc. 4,40). "Às vezes, parece que Jesus dorme nos dias de hoje... O coordenador acalma, transmite esperança e coragem; mantém o equilíbrio, sem apavorar-se diante das dificuldades".^{vii}

“
O coordenador não é aquele que trabalha por dez, mas o que ajuda os dez a trabalharem melhor.

Perfil do Coordenador

O coordenador exerce um serviço, um ministério, dentro da comunidade. Hoje, chegamos a dizer "ministério da coordenação". O coordenador não é aquele que trabalha por dez, mas o que ajuda os dez a trabalharem melhor. A vida e o trabalho da comunidade dependem muito do jeito de uma boa coordenação. A eficácia dos conselhos e dos grupos de trabalho depende muito do tipo de coordenação que se tem.^{iv}

Coordenação é serviço, não é um posto ao qual se é promovido. O coordenador também não é a cabeça do grupo, no sentido de determinar tudo que os outros devem pensar e fazer, sempre preocupado em "por o pessoal na linha".^v

"Uma coordenação pastoral adequada tem diversas exigências e encerra perigos e tentações, que requerem um perfil muito peculiar da pessoa que a desempenha; e critérios que lhe deem uma clara orientação evangélica. É necessária uma mística própria que lhe dê vida e dinamismo".^{viii} Esta mística vem da fé e dinamiza a ação evangelizadora. Aqui podemos pensar em condições para se exercer a coordenação:

1. Ter consciência de que o ministério da coordenação não pode ser exercido por iniciativa própria. Ninguém se coloca como coordenador/a. Este encargo é recebido através da Comunidade Igreja.

2. Para exercer a coordenação é necessário que a pessoa dê testemunho de fé e caridade, tendo participação ativa nos sacramentos, convivendo bem com todos, sem distinção; e tenha a confiança da comunidade.

3. Ter consciência de que não exerce um serviço em próprio nome, mas em nome de Jesus Cristo e de sua Igreja. Por isso nunca deve fazer o que quer, mas o que deve, segundo as orientações da Igreja.

4. Enfim, o coordenador deve ser uma pessoa que tenha uma união íntima com Jesus, nos sacramentos e na reflexão da Palavra. Deve estar sempre em atitude de escuta (escutar Deus e escutar a Comunidade) e ter uma total disponibilidade para deixar-se conduzir pelo Espírito Santo.^{ix}

Referências

ⁱAlberto Antoniazzi. A Coordenação Pastoral Diocesana. Extraído de guaxupe.org.br/definicao-de-pastoral

ⁱⁱProjeto Arquidiocesano sobre o Ministério dos leigos e leigas – Texto de estudo. Arquidiocese de Mariana

ⁱⁱⁱJosé Luiz Garcia. Jornal Missão Jovem, www.efapsaocarlos.net.br/docs/ministerio_coordenacao_pastoral

^{iv}Manual dos Conselhos. Arquidiocese de Mariana. p. 16

^vPlanejamento pastoral. Texto de Pe. Manoel Godoy

Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. Após essa leitura, como você define o perfil de um bom coordenador/a?
2. Você conhece os coordenadores/as de sua Comunidade? O que pensa deles? Dão testemunho de vida cristã? São autoritários, mandam sozinhos ou vivem em espírito de comunhão e fraternidade?

Vamos celebrar!

Padre Luiz Cláudio Vieira
Paróquia do Bom Pastor, Barbacena, MG



REPRODUÇÃO

11 de março – 4º Domingo da Quaresma

A liturgia da Palavra recorda o encontro de Jesus com o velho Nicodemos onde recebemos do Senhor o anúncio de sua paixão e entrega de sua vida, como prova de amor à humanidade. Mostra-nos que a resposta de Deus à nossa constante infidelidade é de misericórdia e salvação.

O mistério que celebramos nos insere no Mistério Pascal de Cristo, amor dado por nós até o fim e que nos convoca a acolher a misericórdia e o amor de Deus.

A celebração: 1. Celebramos o Mistério da Salvação nos ajuda compreender que é parte essencial da vocação batismal, participar da comunidade eclesial, chamada a ser Luz para

o mundo. 2. A Páscoa nos aproxima da grande alegria: a certeza do amor de Deus que nos enche de consolação e afasta de nós qualquer atitude de tristeza. Ambiente da celebração: flores, usa-se a cor rosa substituindo o roxo nas vestes litúrgicas. Os instrumentos musicais também poderão dar um toque de festividade a toda a celebração. 3. Entrada solene da cruz, acompanhada de velas e algum símbolo ligado à CF. 4. As leituras permitem o diálogo entre Deus e o seu povo. Durante a proclamação do evangelho, erguer a cruz diante da comunidade. 5. A celebração litúrgica torna presente e atual o maior gesto do amor do Pai para conosco: a Cruz e a Ressurreição de seu Filho que iluminou as nos-

sas trevas e reavivou a esperança de um mundo novo. 6. Onde houver batismo na vigília pascal, seguir o Ritual da Iniciação Cristã de Adulto. 7. Concluir as preces dos fiéis com a Oração da Campanha da Fraternidade. 10. Podem ser trabalhados: procissão das oferendas, oração da paz e bênção final para o tempo da quaresma. Valorizar o hino da Campanha da Fraternidade, como canto final. Onde for possível, terminar a celebração com um ágape fraterno (partilha de bolo, doce ou biscoitos entre os participantes), sinalizando, de modo bem concreto, a alegria da festa da Páscoa que se aproxima.

18 de março – 5º Domingo da Quaresma

A liturgia da Palavra mostra que o grão de trigo deve morrer para produzir fruto. Jesus, o perfeito discípulo de Deus, que aprende a obediência pelo sofrimento, é o grão de trigo que morreu para dar fruto. Este foi o caminho de sua glória e de nossa salvação e reconciliação com o Pai.

O mistério que celebramos nos inserem no Mistério Pascal de Cristo. Com Jesus Cristo vencemos as forças do mal que geram violência e morte em nossa realidade.

A celebração: 1. Tomar consciência de que não celebramos um tema, mas o Mistério Pascal de Cristo com as ressonâncias das reflexões sobre a CF e interiorização trazidas pela quaresma. O verdadeiro Batismo de Jesus é sua morte, participando de sua morte e ressurreição, pela

graça do Batismo, possamos superar o pecado e a morte. 3. Sugestões: Procissão de entrada com a Cruz, velas e algum símbolo ligado à Campanha da Fraternidade, incensação da cruz. 4. No Sentido Litúrgico, fazer um resumo da vida dos mártires do passado e do nosso tempo, que morreram fazendo a vida frutificar ao doarem-se totalmente pelo Reino de Deus. 5. No Ato Penitencial: Exortar a assembleia à conversão, abrindo-se a Deus e aos irmãos (ãs). 7. Jesus é o grão fecundado pela força do Espírito, feito Pão da Vida para nossa salvação. 8. Onde houver batismo na vigília pascal, o Ritual da Iniciação Cristã de Adulto propõe “exorcismos”, com uma imposição das mãos sobre as pessoas que receberão os sacramentos de iniciação.

Depois da homilia, os escolhidos para o batismo, junto com os padrinhos e madrinhas, colocam-se diante de quem preside, os catecúmenos ajoelhem-se para a oração (segue o Rito). 9. Concluir as preces com a Oração da CF. 10. Na procissão das oferendas, além dos dons do pão e do vinho, simbolizando a semente que morreu e produziu vida nova, trazer cestas com legumes, hortaliças, frutas, etc. (priorizar a produção local). 11. Antes da bênção, faz-se o convite para a Semana Santa, apresentando a programação e motivando para uma participação consciente. Sendo a última semana da quaresma, é preciso lembrar que um sinal concreto da Campanha da Fraternidade é também a doação monetária no Domingo de Ramos.

25 de março – Domingo de Ramos

Iniciamos, neste domingo, a Semana Santa em que, com toda a Igreja, celebramos a Páscoa de nosso Senhor. Recordamos, hoje, a entrada de Cristo em Jerusalém para realizar a entrega de sua vida, pela morte de cruz, em fidelidade ao projeto do Pai.

Na Liturgia da Palavra lendo a Paixão de Jesus segundo Marcos, que apresenta Cristo pobre e sofredor, crucificado e morto, ajudando-nos a compreender que Deus não adota o sistema baseado na riqueza e no poder, mas escolhe o caminho da solidariedade.

O mistério que celebramos nos insere no Mistério Pascal de Cristo que se solidariza com os humildes, os pequenos, os sofredores, também no momento decisivo de sua vida, renunciando a todo poder e popularidade.

A celebração: 1. Não haverá verdadeira Páscoa sem um profundo encontro com o Cristo vivo, a liturgia é o lugar por excelência para este encontro, portanto, cada celebração desta semana santa seja preparada com muito esmero.

É importante que a equipe leia atentamente as rubricas do Missal Romano, ensaie e oriente com antecedência os diversos ministérios que irão atuar nesta celebração. Valorizem especialmente os ramos, a procissão e a leitura da Paixão, como elementos simbólicos mais importantes. 2. A cor litúrgica deste domingo é vermelha. O sacerdote poderá usar capa Asperge em vez de casula. 4. É bom valorizar o costume de levar para a procissão plantas medicinais que após a celebração, são levadas para casa e usadas em função da saúde. Não esquecer-se, porém, que os ramos devem ser sinal de compromisso com a maneira de ser e de agir de Jesus. 5. Comemoração da entrada do Senhor em Jerusalém (é importante que a equipe consulte as rubricas do Missal Romano, para preparar as celebrações deste dia). Missa: a assembleia se reúne fora da igreja, num local previamente preparado, de onde sairá em procissão. Após a bênção dos ramos e a leitura da entrada de Jesus em Jerusalém (Mc 11, 1-10),

faz-se o convite à procissão. 6. Ao chegar ao local da celebração, “Depois da procissão ou entrada solene, omite-se o sinal da cruz e o ato penitencial ou a aspersão de água benta no início da Missa, e diz-se logo a coleta. Depois, a Missa continua como de costume” (Diretório da Liturgia. CNBB. n. 3, pág. 77). 7. Por ser dia mundial da juventude, valorizar a presença dos jovens, organizações juvenis e crismandos. 8. Valorizar a leitura da Paixão como elemento simbólico. 9. Oração dos fiéis: Concluir com a Oração da Campanha da Fraternidade. 10. Fazer procissão das oferendas com os dons do pão e do vinho e a coleta, se possível explicar para onde vai ser destinado este gesto concreto. 10. No final da celebração quem preside fale sobre as atividades, motive a comunidade para participar do tríduo Pascal e, como despedida, convide para os cumprimentos fraternos entre as pessoas, desejando-se mutuamente uma boa e abençoada Semana Santa.

1º de abril – Domingo de Páscoa

Celebramos a páscoa de Jesus Cristo, que se realiza em todas as pessoas e grupos que promovem a dignidade humana, a vida nova e a paz.

A Liturgia da Palavra mostra que a ressurreição de Jesus é demonstração de como pode ser plena a vida de todos os cidadãos que se empenham em transformar nossa sociedade desigual. O dinamismo que impulsiona à vida e ação dos que se comprometem com Cristo, exige discernimento, desapego, para que o cristão, ressuscitado com Cristo no batismo, caminhe para a plena realização.

O mistério que celebramos nos faz mergulhar no mistério Pascal de Cristo. O Senhor ressuscitou, venceu a morte e vive para sempre!

A celebração: 1. Não haverá verdadeira Páscoa sem um profundo encontro com

o Cristo vivo, a liturgia é o lugar por excelência para este encontro. 2. Procissão de entrada com crianças com vestes brancas, trazendo flores. 3. Após o canto de entrada, solenizar o acendimento do círio pascal. Uma pessoa acende o círio e diz: “Bendito sejas, Deus da Vida, pela ressurreição de Jesus Cristo e por esta luz radiante”. A seguir incensa-se o círio e a comunidade reunida, enquanto canta-se um hino pascal apropriado. “O círio Pascal permanece no candelabro próprio no centro do presbitério ou junto do ambão e deve-se acender nas Missas dos Domingos e dias de semana da oitava de Páscoa, bem como nos ofícios e Laudes e Vésperas, quando cantados” (Diretório da Liturgia. CNBB. n. 7, pág. 84). 4. Na acolhida, pode-se retomar o costume

das Igrejas orientais de saudarem-se com as seguintes palavras “O Senhor ressuscitou, verdadeiramente ressuscitou!”. 5. Ato Penitencial: aspersão com a água que foi abençoada na Vigília pascal, rito que ajuda a comunidade a aprofundar sua consagração batismal. 6. Coreografar através de uma dança litúrgica o canto da sequência, expressando o diálogo entre a comunidade e Maria Madalena. 7. Dar um destaque a proclamação do Evangelho, que poderá ser cantado ou encenado. 8. Se a celebração for a tarde, pode-se tomar o Evangelho dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). 10. A comunhão sob as duas espécies para toda a comunidade, de acordo com as orientações em vigor. 11. Bênção final para o Tempo Pascal.

08 de abril – 2º Domingo da Páscoa

A liturgia da Palavra, recordando a confissão de fé de Tomé, mostra a manifestação do Senhor ressuscitado, na comunidade dos discípulos reunidos, mas ainda fechados e dominados pela incredulidade, pela tristeza e pelo medo.

O Mistério Celebrado nos insere na Páscoa do Senhor que se manifesta vivo na comunidade reunida, nos convida a tocá-lo, ajuda-nos a vencer nossos medos, fortalece nossa fé ainda tão frágil, soprando sobre nós o seu Espírito para sermos, no mundo, testemunhas corajosas da ressurreição e promotoras da paz.

A Celebração: 1. Os elementos simbólicos que devem marcar este Tempo são: a comunidade reunida, como sinal da presença do ressuscitado, hoje; o espaço celebrativo destacando de forma alegre e festiva, além da mesa da Palavra e da Eucaristia, o círio pascal e a fonte batismal. 2. Quem chega deve encontrar um acolhimento festivo e pessoal, que reforça a fraternidade como testemunho de fé

(distribuir velas para a assembleia, que serão utilizadas na profissão de fé). 3. O Papa São João Paulo II instituiu o 2º domingo da páscoa como domingo da Divina misericórdia, fazer menção a este fato na celebração, porém, sem perder a sintonia com o Mistério Celebrado. Na procissão de entrada, além da cruz processional e as velas, convidar os membros do COMIPA (comissão missionária paroquial) e, as crianças da catequese e da Infância e adolescência Missionária, para trazerem um quadro com a imagem de Jesus Misericordioso. 4. Fazer o rito de acendimento do círio pascal, após o canto e a procissão de entrada, uma pessoa acende o círio e diz: Bendito sejas, Deus da vida, pela ressurreição de Jesus Cristo e por essa luz radiante! 5. No momento do sentido Litúrgico, convidar os neobatizados (ou catequistas, onde não houve batizado) para dar graças a Deus pela vitória do Cristo sobre nosso pecado e a incredulidade. 6. Ato penitencial: pode-se fazer o rito de aspersão

com a água que foi abençoada na Vigília pascal. 7. No final da proclamação do Evangelho, a assembleia poderá aclamar três vezes, repetindo a profissão de Tomé: “Meu Senhor e meu Deus”. 8. Na homilia, além de ligar a Palavra de Deus à vida da comunidade, fazer sua ligação com o momento celebrativo e o Ano do Laicato. 9. Na profissão de fé, motivar a comunidade a professar a fé e se comprometer com o anúncio do Ressuscitado. 10. O abraço da paz poderá ser feito após o Evangelho, ou como de costume, após o Pai-Nosso, enquanto a bandeira da paz circula pelo meio da assembleia. 11. No momento dos avisos, motivar e indicar o local da celebração da Solenidade da Anunciação do Senhor (transferida do dia 25 de março, devido à celebração do Domingo de Ramos e da Paixão). No final da celebração, retomar o gesto de envio e as palavras de Jesus no Evangelho, para toda a comunidade.

A cidade das bananas

Santa Bárbara do Tugúrio é conhecida como a maior produtora de banana da região do Campo das Vertentes

GABRIELA SANTOS

Gabriela Santos

Quem chega a Santa Bárbara do Tugúrio pela MG 448 é recepcionado pelas plantações de banana no entorno da rodovia. Já na entrada da cidade, a placa de boas-vindas reforça para que ninguém tenha dúvidas: a cidade é a maior produtora de bananas do Campo das Vertentes.

A plantação da fruta é uma das principais atividades de Santa Bárbara do Tugúrio. A cidade, de um pouco mais cinco mil habitantes, possui tantos agricultores que cultivam a fruta, que segundo Ailton Garcia Afonso, de 65 anos, a venda no local não é rentável. A única saída, confessa Seu Ailton, é vender para as cidades vizinhas.

Outra tática adotada pelos agricultores é a produção de bebidas. A plantação de 30 hectares de Seu Ailton, que fica na comunidade do Buracão, é usada para a produção do licor e da cachaça, que ele chama de "cachaça embananada". Os produtos são levados para a feira da cidade de Barbacena em todos os sábados, mas locais como Santos Dumont e São João Del Rei também já conhecem as suas bebidas.

Apesar da plantação ser tradição na família, foi só depois da aposentadoria como técnico agrícola de reflorestamento que Seu Ailton começou a se dedicar totalmente a produção. Abo-brinhas, inhames e pimentões já fizeram parte do seu trabalho, mas hoje o cultivo gira em torno de maracujás e bananas. "Eu aposentei e agora mexo com isso, é um faturamentozinho extra, além de manter a tradição da cidade. A banana produz o ano todo, de outubro a dezembro chega até a dar excesso de banana. Em janeiro, ela diminui um pouco", explica.

Diferente do irmão e do pai, que segundo ele "praticamente nasceu no meio das bananeiras", há dez anos o foco de Seu Ailton é a produção das bebidas. "O licor de banana não é feito com cachaça, é feito com álcool de cereais, específico para licor. A banana fica nele por um período de 20 dias, depois eu faço a mistura com a calda de açúcar para ficar bem alcorado", explica.

Festa das Bananas

Desde 1981, Santa Bárbara do Tugúrio realiza em novembro a Festa das Bananas, que atrai em média 40 mil visitantes. Concursos de cachos de banana e pratos típicos da fruta fazem parte da programação.

O evento começa na quinta-feira com a celebração presidida pelo pároco da Paróquia Santa Bárbara, padre Daniel Ângelo Henriques. "Na Santa Missa, expressamos a gratidão a Deus pela colheita e pela proteção concedida à lavoura e aos agricultores, que lidam com perigos como os animais peçonhentos. Como a maioria dos agricultores são católicos, a missa conta com uma boa participação dos agricultores e da população", relata o padre.

Segundo o agente administrativo da Prefeitura de Santa Bárbara do Tugúrio, Aristeu José Campos Machado, a Festa da Banana movimentou bastante o comércio local e torna conhecida a cidade. "Culturalmente, há uma ampla divulgação de tudo que é feito no município, não só no âmbito rural, mas também os projetos sociais desenvolvidos pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e a divulgação do trabalho da Associação de Produtores e Artesãos da cidade", explica.

Um dos pontos altos da Festa é o desfile em carros de boi da Rainha e das princesas, elegidas durante o evento. "Quando começou a Festa da Banana, toda a produção rural era escoada por meio de tropas de burro, mula e pelos carros de bois, por isso surgiu a tradição do desfile. Mesmo com o passar dos anos, e a produção em grande parte já ser escoada por meio de veículos automotores, muitos produtores ainda possuem seus carros de bois e charretes", revela.

Além da diversão e possibilidade de comprar os pratos culinários e bebidas à venda, os participantes da festa podem levar uma lembrança de Santa Bárbara do Tugúrio para casa. Quem fica até o final ganha os cachos de bananas que enfeitaram a festa.



AILTON GARCIA AFONSO



AILTON GARCIA AFONSO